

POLICARPO QUARESMA: UM UFANISTA FRUSTRADO

Arthur Verdan R. Silva (UENF)

arthur.verdan@hotmail.com

Luana Moreira Ramos (UENF)

Yanca Alves Barcelos (UENF)

RESUMO

O presente artigo, a partir da análise e comparação dos personagens, apresenta uma abordagem do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, obra de Lima Barreto. Propõe-se a observar e apresentar a utopia vivida pelo personagem principal, mais conhecido como Major Quaresma. Também tem como objetivo mostrar a desilusão sofrida por ele devido às frustrações, às perseguições, aos abandonos e as repressões intelectuais causados pelos personagens. Demonstrando assim o nacionalismo exacerbado de Policarpo Quaresma, constituído a partir de elementos linguísticos, econômicos e políticos, os quais contribuem para uma construção imaginária do Brasil pelo personagem. Além disso, é discutida a relação entre o personagem romanesco e o autor Lima Barreto, que diante de toda sua insatisfação com a sociedade, cria um personagem ufanista empenhado em concretizar os ideais aprendidos nos manuais de história, faz-se assim a ironia barretiana. Aborda-se ainda a consciência conquistada pelo personagem após a sua prisão, feita por aquele que representava a ordem, a política e o progresso do Brasil, evidenciando seu processo de lucidez que faz lembrar o personagem Dom Quixote, obra de Miguel de Cervantes que sofre delírios devido ao sonho de ser cavaleiro. Chega-se, portanto, à conclusão de que a luta e a dedicação depositadas ao Brasil por Policarpo Quaresma foi em vão, resultando, então, na desilusão, assunto central deste artigo

Palavras-chave: Literatura brasileira. Ufanismo. Desilusão.

A literatura se manifesta de diversas formas e permite ao autor tornar-se outro ou simplesmente manter-se o mesmo e assim criar personagens que fazem ou não parte de suas vidas. Segundo Aristóteles, a literatura usa da mimese para construir-se, ou seja, o autor usa da arte para imitar a natureza. Porém, além da imitação a mimese pode se tornar a própria realidade, se refizer os caminhos da natureza para apresentar uma obra por meio da arte.

Com base nesses dois vieses de mimese, discutiremos sobre o livro de Lima Barreto e principalmente sobre o personagem principal Policarpo Quaresma. Mostraremos por meio desse artigo um breve resumo da obra e sua relação com a vida real do autor, mas sempre lembrando que a literatura não é apenas uma apresentação da realidade, mas sim uma representação do que pode ser ou não real para o autor. Assim, fa-

remos um pequeno resumo sobre a vida do autor e do personagem do livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, analisando utopia e nacionalismo que são focos dessa pesquisa.

Segundo Alfredo Bosi, pré-modernista é tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural. O século XIX e XX foram cheios de reformas, seja na literatura, na política, na economia ou simplesmente no comportamento das pessoas diante da sociedade. Lima Barreto é um símbolo do Pré-Modernismo, pois lutou desde o início de sua carreira literária contra as tradições e impunidades da sociedade, como a escravidão e a hipocrisia da sociedade branca.

Nasceu no Rio de Janeiro no ano de 1881, Afonso Henrique de Lima Barreto, foi filho de um tipógrafo e de uma professora do primário. Os seus pais eram mestiços, talvez aí a razão de tanto ressentimento, não negando a raça ele lutou toda sua vida por aceitação. Ficou órfão aos 7 anos e logo após a Proclamação da República seu pai perdeu o emprego e se viu obrigado a trabalhar em uma Colônia de Alienados, localizada na Ilha do Governador. Como seu pai tinha vínculos com o Visconde de Ouro Preto, Lima Barreto conseguiu estudar no Colégio Pedro II. Estudava em regime de internato, por isso, só ia para casa aos fins de semana, porém sua vida começava a se materializar desde cedo diante de dois polos extremos o primeiro constituído pela realidade “branca” do colégio e o segundo pela loucura da colônia de alienados, onde seu pai residia e trabalhava como almoxarife.

Após alguns anos de serviço o pai de Lima Barreto enlouqueceu, o que o obrigou a ter um maior contato com a loucura e a abandonar a escola Politécnica do Rio de Janeiro (1903) para ajudar a família. Ele ingressou na Secretaria da Guerra por meio de um concurso público, esse trabalho garantiu o sustento da família. Nesse tempo Lima Barreto leu intensamente obras realistas que questionavam o preconceito e as injustiças que ele considerava sofrer.

Tendo graves problemas com bebida alcoólica, o escritor foi internado no Hospício Nacional de Alienados, nunca foi diagnosticado como louco, mas com toda certeza sua vida difícil deixou traumas que o impediam de se libertar de sua angústia.

Segundo Francisco de Assis Barbosa (2002) todos esses percalços e perseguições geraram marcas tão profundas na personalidade de Lima Barreto quanto em suas obras. Faleceu em 3 de dezembro de 1922 de insuficiência cardíaca.

Triste Fim de Policarpo Quaresma foi publicado pela primeira vez em 1911 como folhetins pelo *Jornal do Comércio* e no *Jornal Gazeta da Tarde* e como livro foi publicado em 1915. O romance se passa na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1893, por ser narrado nesse período, a história e o personagem Policarpo (são influenciados diretamente pelos acontecimentos da época) se cruzam como a abolição de escravos e principalmente a proclamação da República. O romance é dividido em três partes que acabam revelando os sonhos, desejos e as frustrações do Major, causadas pela fé no seu país.

Policarpo Quaresma era um homem pequeno, magro, que sempre usava fraque, possuía uma vasta biblioteca e mantinha sempre os mesmos hábitos. Saía no mesmo horário e chegava sempre no mesmo horário e antes de tudo era brasileiro. E nisso está a ironia barretiana. Não estamos aqui para questionar o sentimento patriota de Lima Barreto, mas para destacar a sagacidade do autor ao criar um personagem que mantinha fé extrema no seu país, quando o seu próprio criador (autor) já havia mergulhado em uma angústia sem cura.

Policarpo na primeira parte do livro se dedica a estudar a língua, o folclore e a música do Brasil. Aos 18 anos se tornou militar, mas devido a sua saúde não pôde seguir carreira e por isso passou então a trabalhar no ramo da administração militar e no meio da burocracia estudou o seu país. Aqui podemos notar a semelhança entre autor e personagem, pois os dois sofreram de frustrações profissionais e terminam dentro de setores burocráticos se dedicando aos estudos. Dá-se aqui o início das semelhanças entre Policarpo e Lima Barreto.

O desajuste de Policarpo Quaresma também parece ser herdado do autor, pois, como Lima Barreto sofria por não conseguir se ajustar a sociedade, o mesmo acontecia com Policarpo Quaresma que passou a vida toda vivendo sozinho, sendo julgado e mal-entendido por todos a sua volta. Isso fica mais explícito quando pensamos no requerimento enviado ao ministro pedindo que o tupi fosse a língua oficial do país, o que causou ao personagem perseguições e abandono de muitos.

Vivendo há trinta anos quase só, sem se chocar com o mundo, adquiria uma sensibilidade muito viva e capaz de sofrer profundamente com a menor coisa. Nunca sofrera críticas, nunca se atirou à publicidade, vivia imerso no seu sonho, incubado e mantido vivo pelo calor dos seus livros. (BARRETO, 2014, p. 49)

O mesmo acontecia a Lima Barreto que sofrera profundamente com o descaso da sociedade, de que buscava fazer parte. Essas desilusões

assim como no personagem foram formando o caráter de Lima Barreto, que vivia em conflito.

É necessário destacar que Lima Barreto sempre foi muito ousado denunciava as pessoas sem pensar nas consequências, criticava a sociedade e lutava por espaço. Pois, mesmo que Lima Barreto frequentasse a rua do ouvidor, os cafés burgueses ele não fechava os olhos para pobreza e exclusão dos menos afortunados. Algo que se distancia de início do personagem Policarpo Quaresma, pois esse queria enxergar apenas a beleza brasileira. Mas podemos perceber muito de Lima Barreto em Policarpo Quaresma, quando analisamos o comportamento do autor quanto à literatura, segundo Luciana Hidalgo Lima Barreto buscava um purismo dentro da sua literatura e acabava enfrentando os demais escritores, o que gerava afastamento e exclusão pelos demais. Purismo esse, que é revelado quando o maior é comparado a Ubirajara, índio que não teve contato com a cultura portuguesa.

Dessa forma a primeira parte do livro revela um policarpo amante da literatura muito ingênuo que se aproxima do autor devido à busca pela pureza e o desajuste social, causado pelos momentos de enfrentamento. Além disso, a loucura que marca a vida do autor foi posta na narrativa, quando o personagem é internado em um hospício, que com toda certeza é resultado do contato que Lima Barreto estava tendo com o pai, ironia ou acaso do destino, assim como Policarpo Quaresma, Lima Barreto também foi internado alguns anos após a publicação do romance. Não podemos dizer que há aqui uma previsão futura pelo autor, mas é impossível negar que essa obra está ligada a vida de Lima Barreto fortemente.

A loucura, a escravidão, a falta de aceitação da sociedade são aspectos que se fazem constantes em Lima Barreto seja em obra ou vida, estão lá enfiados em seus livros. Essa angústia barretiana vai sendo notada em cada término de capítulo, quando Policarpo Quaresma sofre uma desilusão e tenta superá-la substituindo o antigo amor por um novo sempre ligado Brasil.

Faz-se, assim, a transição dos capítulos até o último de lucidez. A segunda parte do livro apresenta um Policarpo Quaresma que tenta superar a loucura, o abandono, a rejeição por meio da relação com a terra. Entramos agora em contato com um personagem que defende bravamente a terra deste país, sendo capaz de gastar tudo que tem para provar as pessoas que sua pátria pode dar bons frutos sem a ajuda de fertilizantes. No sítio em Sossego *planejou uma vida agrícola com exatidão e meticulosi-*

dade:

Esperava grandes colheitas de frutas, de grãos, de legumes; e do seu exemplo, nasceriam mil outros cultivadores, estando em breve a grande capital cercada de um verdadeiro celeiro, virente e abundante a dispensar os argentinos e europeus. (BARRETO, 2014, p. 77)

Faz-se perceber até características que seriam defendidas mais a frente no modernismo, por isso, Lima Barreto é considerado um escritor pré-modernista, mesmo com fortes características e influências realistas, o autor atinge patamares que o diferem dos demais fazendo uma nova literatura.

Com esse novo Policarpo Quaresma também notamos a característica de um Lima Barreto bem organizado e sonhador que planejava livros, sonhava com o crescimento e o reconhecimento que influenciaria, não agricultores como Policarpo Quaresma, mas novos escritores, talvez aí a explicação por se render três vezes a tentativa de entrar na Academia Brasileira de Letras. Contudo, como o Major, seus ideais eram atropelados pela seca dessa terra.

Assim, se fez mais um capítulo, Policarpo Quaresma tentou fugir de sua loucura, mas foi encurralado por ela novamente, perseguido também na cidade pequena se vê obrigado a abandonar seu sonho de ver as terras produzirem e se alista para servir junto ao Marechal Floriano. Percebemos aí a nova paixão do personagem que antes se dava pela cultura, depois pela terra e agora pela política.

Nesta terceira parte vemos um personagem mais utópico, que acredita em seus governantes e na melhora do seu país por meio da política. Mas acima de tudo é agora que vemos as concepções políticas de Policarpo Quaresma mais claramente, que se aproximam das de Lima Barreto. Questões como o funcionamento da República, o positivismo, a busca por honestidade e o fim de privilégios.

Podemos notar que os privilégios também eram para Policarpo Quaresma tão desconfortantes quanto para Lima Barreto, pois ambos nunca puderam gozar tão livremente de riquezas e grandes oportunidades, embora Lima Barreto tivesse o Visconde de Ouro Preto, ele foi obrigado a abandonar seus estudos e trabalhar para sustentar sua família, diferente de muitos de seu companheiros que possuíam bens e posição social e sem muito esforço ingressavam em suas carreiras na sociedade, enquanto Lima Barreto sofria com os traumas e a (des)adequação social.

Dar-se nessa última parte a figura de alguém que percebeu sua

loucura e amor por algo que não valia a pena é em seus últimos momentos que Policarpo Quaresma revela sua maior angústia e frustração ter lutado por um país que nem o reconheceu em seus últimos anos de vida, que o rejeitou e não foi fiel a quem mais o defendeu. Sentimento esse que se aproxima à angústia de Lima Barreto em sua caminhada como escritor, sempre julgado e marginalizado por todos.

Não é nosso objetivo aqui resumir a obra de Lima Barreto a um espelho de sua vida, mas aproximá-lo de sua criação e fazer com que além do ficcional ela possa enriquecer nossos conhecimentos sobre os sentimentos e vida de autor tão importante de nossa literatura e que marcou, mesmo com dificuldades, seu tempo.

Francisco Assis Barbosa, dizia que o homem e o escritor formavam em Lima Barreto uma unidade perfeita e indivisível. A afirmação do biógrafo é sustentada pelo processo de mimese perceptível nos personagens de Lima Barreto e na sociedade representada em sua literatura.

Lucien Goldmann (1976 e 1991) afirma que uma obra literária é sempre expressão de uma visão de mundo de determinada classe social e que cada classe social possui o que o sociólogo denomina de “consciência possível”. Consciência esta que se evidencia pelos fatos cotidianos vivenciados pelo indivíduo autor.

No terreno da literatura válida, a existência da reificação se manifesta em primeiro lugar pelo grande impulso no século XIX da forma literária que corresponde ao desenvolvimento da sociedade burguesa e do mundo capitalista: o romance. Em sua essência é a história de uma busca que se frustra necessariamente. Assim, na medida em que ele é a história de uma busca ou de uma esperança, implica numa biografia individual, enquanto que, na medida em que o escritor deve descrever o meio onde se desenrola essa busca e as razões do seu malogro, é também uma crônica social. (GOLDMANN, 1976, p. 7)

De acordo com Lucien Goldmann, a reconstituição literária do real pode ser entendida como uma crítica ou apologética. Será crítica quando expressar a perspectiva de uma classe revolucionária e será apologética quando expressar a perspectiva da classe conservadora em uma determinada sociedade.

O autor retratava em suas obras, os julgados marginalizados, ou seja, simbolizava aquilo que ele conhecia e defendia. Pode-se afirmar, portanto, que cada indivíduo difunde uma mentalidade em sua obra literária correspondente aos interesses de determinada classe social.

Para melhor entendimento dessa relação autor, obra e sociedade é

essencial compreender antes, as relações existentes no sistema social.

As lutas de classes sempre existiram no processo evolutivo da história das sociedades. As analogias entre opressor e oprimido sustentam essa luta e caracterizam as divisões sociais estabelecidas pelas relações hierárquicas. Segundo Karl Marx “A época da burguesia caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classe” (MARX, p. 8). Essas relações são definidas com base na divisão da sociedade em burguesia e proletariado.

O conflito das classes está arraigado ao surgimento da propriedade privada dos meios de produção que definem inconscientemente a estrutura social e conseqüentemente definem também que no modo de produção capitalista é a burguesia que possui o status dominante.

A centralização política surgiu como consequência das transformações trazidas pela burguesia. Dentre elas destaca-se a criação dos grandes centros urbanos, o aumento da população das cidades em relação à dos campos. A aglomeração das populações, a centralização dos meios de produção e a concentração da propriedade em poucas mãos.

É possível afirmar que *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* é uma obra tão desmistificadora como crítica e revolucionária, fruto da imaginação de um indivíduo pertencente à classe que obtém. Para Lucien Goldmann, a vantagem de ser desmistificadora está em romper com as ilusões e falsas representações sobre a realidade social.

O Triste Fim de Policarpo Quaresma expõe a discrepância da sociedade de sua época por meio de conflitos sociais expressados com moderado humor. Nesta obra, Lima Barreto produz uma literatura desmistificadora da ideologia nacionalista ao apontar os variados conflitos que são sustentados nas três partes do livro.

Policarpo Quaresma é apresentado com ironia, um personagem com uma rotina regrada e considerado esquisito pela vizinhança, por causa das ideias mirabolantes e sonhadoras de realizar feitos que não cabiam a sociedade que pertencia.

Essas ideias podiam ser extremas, como o desejo do personagem de tornar o tupi-guarani língua oficial e nacional do povo brasileiro, ou simples e sutil como o fato de aprender a tocar o violão e ser criticado por isso: “Policarpo, você precisa tomar juízo. Um homem de idade, com posição, responsável, como você é, andar metido com um seresteiro, um quase capadócio – Não é bonito!”. (BARRETO, 2014, p. 11)

Ressalta-se ainda, que o personagem sempre argumenta em defesa daquilo que a sociedade prejulga evidenciando mais ainda seu fanatismo utópico: “É preconceito supor-se que todo homem que toca violão é um desclassificado. A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede”. (BARRETO, 2014, p. 11)

Observa-se, por exemplo, que por muito tempo o violão foi considerado, “instrumento de malandro”. No século XIX, o qual a história se passa, a modinha e o violão faziam sucesso entre as camadas populares muito antes de fazer entre as elites, pois não era um instrumento reconhecido pela sociedade dominante da época.

O cenário rural apresentado no livro aborda o descaso com os moradores da área rural que não recebiam apoio político. Policarpo Quaresma, iludido, mudou-se para lá acreditando nas leituras que fazia a respeito do Brasil. Nelas, o país possuía as terras mais férteis do mundo. Nesse momento o autor substituiu o nacionalismo linguístico e cultural por um nacionalismo à terra brasileira. Destacou a situação do trabalhador rural sem acesso aos meios de produção e confirmando as relações de poder apontando o procedimento do governo com aqueles que não possuíam meios de produção.

Após abordar os temas cultura e terra, nosso personagem parte para o contexto político. Participa da Revolta da Armada a favor do Marechal Floriano que vence no final. Policarpo Quaresma se torna carcerário, no entanto, é reprimido e preso ao denunciar os abusos contra os presidiários. Esse episódio assemelha-se a uma crítica ao governo dos militares. Assim Policarpo Quaresma percebe que a pátria que quisera ter era um mito.

Devia ser por isso que ele estava ali naquela masmorra, engaiolado, trancafiado, isolado dos seus semelhantes como uma fera, como um criminoso, sepultado na treva, sofrendo umidade, misturado com os seus detritos, quase sem comer... Como acabei? Como acabarei? E a pergunta lhe vinha, no meio da revoada de pensamentos que aquela angústia provocava pensar. Não havia base para qualquer hipótese. Era de conduta tão irregular e incerta o governo que tudo ele podia esperar: a liberdade ou a morte, mais esta que aquela. (BARRETO, 2014, p. 196)

Aos passos de Thomas Morus, Policarpo Quaresma tenta fundar, no Brasil, uma sociedade imaginária, ideal. Assim, concretiza-se, na personagem protagonista, o pensamento utópico, o qual surge por meio da noção de pátria “livresca e abstrata” (SANTIAGO, 1984, p. 33) e consiste na submissão das sociedades concretas ao julgamento promovido por

seus ideais de felicidade. Silviano Santiago ressalta que “a transformação da noção de ‘pátria’, livresca e abstrata, em realidade concreta, com consistência sociopolítica e econômica, é o norte da existência de Policarpo Quaresma, justificativa única para a sua vida” (*Idem, ibidem*). O colecionador de livros brasileiros não possuía “ambições políticas ou administrativas; o que Policarpo Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar foi num conhecimento inteiro do Brasil”, este conhecimento leva Policarpo Quaresma a defender o consumo de produtos unicamente nacionalista e a praticar, dentre outras, três atividades político-patrióticas que geram a sua decepção.

A língua portuguesa era vista como impura e era preciso buscar por nossa língua autêntica, o Major passou a se dedicar aos estudos do tupi-guarani e é chamado de Ubirajara. Os estudos de Policarpo Quaresma não eram bem vistos pela sociedade e a situação piora quando ele pede, no idioma tupiniquim, que o “Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional brasileiro”, gerando a sua primeira decepção com a sociedade que tanto amava, pois passa a ser perseguido com brincadeiras de seus companheiros. Policarpo Quaresma é considerado louco e é internado em um hospício.

Apesar das consequências do seu requerimento, sua convicção patriótica permanecera e a surge a sua segunda decepção: levado a pensar que a salvação do país estava na base agrícola, Policarpo Quaresma se muda, com sua irmã, para o sítio do Sossego e, sem jeito, passa a cuidar da terra e o seu sonho é arrebatado pela saúva e pela política interiorana.

Sua terceira e última decepção acontece quando deposita em Marechal Floriano Peixoto, presidente frouxo e preguiça, sua esperança de sociedade patriótica. Policarpo Quaresma, na visão de Silviano Santiago, “insurge-se. Rebelar-se contra as ordens desumanas que recebe e que deve executar como carcereiro”. (SANTIAGO, 1984, p. 37) Assim, na Ilha das Cobras, encontra-se o triste fim dos seus ideais patrióticos e o seu próprio fim.

Vemos, então, que a utopia policarpiana norteou suas ações e o fez ser alvo de perseguições, mas o Major manteve-se fiel a ela até que o seu fim fosse decretado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8. ed. Rio de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Janeiro: José Olympio 2002.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

_____. *Diário íntimo*. São Paulo/Rio de Janeiro: Mérito, 1953.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

GOLDMANN, Lucien. *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. *Sociologia do romance*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

HIDALGO, Luciana. *Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 1. ed., 2ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 1999. Disponível em: <<http://www.ifibe.edu.br/arq/201507151648311870285950.pdf>>.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário dos termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SANTIAGO, Silviano. Uma ferroada no peito do pé: dupla leitura de Triste Fim de Policarpo Quaresma. *Revista Iberoamericana*, 1984.